



**ENTRE O DESERTO DE ESPINHOS E O ELDORADO:
A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO EM TENSÃO COM A MODERNIDADE EM *SEARA
VERMELHA***
**BETWEEN THE DESERT OF THORNS AND THE ELDORADO:
THE CONSTRUCTION OF SPACE IN TENSION WITH MODERNITY IN *SEARA
VERMELHA***

Mariana da Costa Valim¹

Recebido em: 30 jun. 2018

Aceito em: 19 nov. 2018

DOI 10.26512/aguaviva.v3i3.22121

RESUMO: A modernidade como promessa de progresso foi relativizada pelo Romance de 1930 no Brasil. Um de seus expoentes, Jorge Amado, expressa em suas obras uma relação ambígua com a modernidade e com as velhas estruturas oligárquicas do Brasil. Analisar essa ambiguidade através dos elementos espaciais no romance *Seara Vermelha*, de 1946, é o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Jorge Amado; Romance; Modernidade; Espacialidade.

ABSTRACT: Modernity as a promise of progress has been relativized by the *Romance de 1930* in Brazil. One of its exponents, Jorge Amado, expresses an ambiguous relationship between modernity and the old oligarchic structures of Brazil in his literary works. The aim of this study is to conduct an analysis of this ambiguity based on the spatial elements in the novel *Seara Vermelha*, of 1946.

Keywords: Jorge Amado; Novel; Modernity; Spatiality.

Sob um céu cinzento, numa grande planície poeirenta, sem caminhos, sem gramados, sem uma urtiga, sem um cardo, encontrei vários homens que andavam curvados. Cada um deles carregava nas costas uma enorme Quimera, tão pesada quanto um saco de farinha ou de carvão, ou os apetrechos de um soldado de infantaria romana [...] (BAUDELAIRE, 2007. p. 49).

¹ Doutora em Letras - Literatura Comparada - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Letras - Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Licenciada e Bacharel em Letras - Português/Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Assistente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 2010. E-mail: marianavalim@yahoo.com.br



A história do homem no mundo é a história de um sonho e de sua perpétua decepção. Como atestam as palavras de Baudelaire, a vocação humana para sonhar e projetar nos condena ao sofrimento incontornável da queda. De quantas quimeras nasceram terríveis pesadelos? E quantos sonhos de libertação do mundo natural e da cadeia do tempo se transformaram em novos tipos de escravidão? Seria impossível negar que a conquista ultramarina ibérica foi, para a imaginação humana, um sonho. Contudo, também parece impossível ignorar o massacre forjado por tão grandiosa façanha...

De todas as fantasias projetadas pelo homem, a ideia de modernidade talvez tenha sido a mais linda e efêmera... E sonhamos com a ciência para vencer o tempo, e a técnica para vencer o espaço. Sonhamos que, conquistados esses dois deuses, provas cabais de nosso pertencimento ao mundo natural e físico, estaríamos no caminho de uma felicidade apenas comparável ao mito cristão dos jardins do Éden, com sua suspensão temporal e sua promessa de prosperidade eterna.

E caímos.

O sonho de perfeição e felicidade (insistência tomista no pensamento ocidental) (NEDER, 2000) desembocou em desigualdade, em destruição, em perda de referências. Provocou e promoveu aberrações como o nazismo. Alimentou a guerra e sua correlata, a morte. Parece que para cada construção ambiciosa, haverá sempre a sombra de uma ruína.

Para o Brasil, com a sua usual culpa pela falta de um passado, a ideia de um futuro e, sobretudo, de ser um país para o futuro era quase irresistível. E ser moderno significaria abandonar enfim o papel de atrasado que tanto a intelectualidade como o senso comum imputaram ao país. Mas também aqui a modernidade aprofundou mazelas e serviu apenas como uma vã esperança de prosperidade e vitória, afinal, como dizem os versos da canção de Milton, “em tudo é o mesmo suor”².

Modernismo x romance de 30

Não é minha intenção colocar as realizações dos escritores modernistas em situação de oposição ou qualquer disputa de valor com as realizações dos romancistas da geração de 30, assim como não é meu objetivo realizar um estudo minucioso das diferenças entre um e outro grupo. No entanto, considero importante para o desenvolvimento da análise que proponho uma

² Letra de Caxangá, de Milton Nascimento. Parte da letra diz: “Veja bem, meu patrão/como pode ser bom/ você trabalharia no sol/ e eu tomando banho de mar/Luto para viver/ vivo para morrer/ enquanto a minha morte não vem/ eu vivo de brigar contra o rei (...)”.



ligeira comparação dos dois grupos citados, pautada na ideia de utopia e pós-utopia defendida por Luís Bueno:

Nem mesmo para o mais otimista dos romancistas de 30 o tempo da utopia pode ser visível como fora para os modernistas, que o vislumbraram a partir de um presente no qual conseguiam identificar os prenúncios desse futuro ao mesmo tempo utópico e palpável. Com os pés fincados num presente que só faz poder prever o pior – inclusive a Guerra, da qual se falava desde a primeira metade da década – parece que até mesmo o militante tem que se conformar em adiar seu sonho para um futuro indeterminado³ (BUENO, 2006, p. 74).

O autor mostra como o momento histórico distinto vivido pelos dois grupos alimentou visões diferentes quanto às possibilidades para o país. Se os modernistas viveram intensamente a esperança de um futuro redentor,

O projeto modernista nasceu em São Paulo e não há quem deixe de apontar o quanto do desenvolvimento industrial da cidade alimentou a esperança de que a modernização do país, quando generalizada, poderia até mesmo tirar da marginalidade as massas miseráveis. [...] Esse tipo de utopia é possível numa mentalidade que percebe o Brasil ainda como país novo – para retomar os termos empregados por Antonio Candido em “Literatura e Subdesenvolvimento” (BUENO, 2006, p. 67-68).

... a tônica das vozes da geração de 1930 é a de uma profunda desconfiança quanto à ideia de modernidade e tudo o que ela acarretaria em mudanças de estruturas e paradigmas.

[...] o que salta aos olhos é o atraso e a exclusão que a modernização já implementada não consegue cobrir. Daí nasce aquela pré-consciência do subdesenvolvimento [...]. A arte da década de 30 não poderá, portanto, abraçar qualquer projeto utópico e se colocará como algo muito diverso do que os modernistas haviam levado a cabo. É nesse sentido que se pode dizer que o romance de 30 vai se constituir numa arte pós-utópica (BUENO, 2006, p. 68).

É, portanto, compreensível que nos poemas modernistas as máquinas apareçam de modo tão convicto e elogioso, como ícones de um tempo de mudanças que reserva conquistas e avanços, enquanto em romances como “Usina”, de José Lins do Rego, motores sejam monstros, sejam ruína, sejam falência. A fantasia da modernidade pode ter sim iludido a muitos ouvidos

³ Na verdade, Luís Bueno desenvolve as ideias de utopia e pós-utopia aplicadas à leitura do modernismo e do romance de 30, baseado no pensamento desenvolvido por Haroldo de Campos, quando este usa tais conceitos para explicar o percurso do movimento concreto e as ideias de vanguarda e pós-vanguarda. Cf. idem, p.67.



desejosos de uma promessa de evolução e êxito, mas sempre encontrou olhos atentos e suscitou vastas suspeitas, mesmo antes das obras dos romancistas de 30 e também depois delas.

Diante de tais perspectivas e assumindo que as obras da geração de romancistas dos anos 30 apresentam uma visão relativizante da prosperidade que se quis indissociável da modernização, da industrialização e da agudização do capitalismo, este trabalho se debruçará sobre as críticas ao processo de modernização através da observação e análise do aspecto espacial no romance de Jorge Amado, *Seara Vermelha*.

Considerando que a existência humana se realiza na imbricação espaço/tempo, que o homem modifica a paisagem mediante práticas econômicas, culturais, políticas, sociais e afetivas (assim como também o espaço intervém na vida humana), acredito que a paisagem é, por conseguinte, um espaço simbólico e um testemunho dos sonhos, anseios e fracassos que a imaginação humana projetou e realizou.

Como aponta Lefebvre, as relações sociais possuem existência real como existência espacial concreta na medida em que produzem, efetivamente, um espaço, aí se inscrevendo e se realizando. As relações sociais ocorrem em um lugar determinado, sem a[*sic*] qual não se concretizariam, em um tempo fixado ou determinado que marcaria a duração da ação. É assim que espaço e tempo aparecem por meio da ação humana em sua indissociabilidade, uma ação que se realiza como modo de apropriação (CARLOS, 2001, p. 13).

Creio, portanto, que observar a dimensão espacial e seu tratamento no romance escolhido como corpus, bem como sua relação com o tempo e com a ação humana, seja na forma de projeções ou memórias, pode ser um recorte interessante para perceber novos ou conhecidos matizes na relação sempre tensa e conflituosa que a geração de 1930 travou com a modernidade.

O romance *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, é publicado em 1946. Narra a saga de uma família de sertanejos que, depois de expulsos da fazenda onde sempre viveram, decidem atravessar a caatinga rumo ao navio que os levará para a terra prometida da abundância, São Paulo. O percurso empreendido pela família se revela, no entanto, cheio de dor, morte e miséria. O romance apresenta uma nota utópica ao desvelar o caminho do engajamento político via comunismo, opção política fervorosamente defendida pelo autor, como única saída possível para a construção da igualdade social. O próprio título do livro indica a possibilidade dessa leitura.

A referência espacial em *Seara Vermelha* já começa no título. “Seara” significa “campo semeado”, e o desenvolvimento do enredo mostrará que, ao menos dentro da história contada,



este campo é um lugar determinado e específico (ainda que sirva como uma metáfora de um caminho político defendido pelo autor), o lugar de um retorno, ponto importante a que também retornaremos mais adiante.

Igualmente importante é destacar que o romance começa exatamente com a descrição de uma paisagem:

O vento arrastou as nuvens, a chuva cessou e sob o céu novamente limpo crianças começaram a brincar. As aves de criação saíram dos seus refúgios e voltaram a ciscar no capim molhado. Um cheiro de terra poderoso, invadia tudo, entrava pelas casas, subia pelo ar. Pingos de água brilhavam sobre as folhas verdes das árvores e dos mandiocais (AMADO, 1965, p. 21).

Cito especificamente esta parte porque, como vemos, é a descrição de um ambiente familiar às pessoas que entrarão em ação na história, como podemos comprovar tanto pela segurança e tranquilidade expressas no vocabulário referente ao retorno da normalidade à natureza, como pelo próprio vocabulário de uma retomada do cotidiano, expressa nos vocábulos “novamente” e “voltaram”. Esta impressão de retomada de uma ordem conhecida, de uma rotina já instaurada é absolutamente imprescindível para o desenvolvimento da história porque é justamente a ruptura dessa rotina e dessa sensação de pertencimento que fará andar o romance.

Um pouco à frente do trecho citado, encontramos outro indicativo da relação das pessoas com o espaço da fazenda: “Os homens estariam satisfeitos, o receio da seca, temor que se renovava a cada ano, estava agora afastado. [...] Artur aspirou o cheiro que subia da terra, sorriu novamente” (AMADO, 1965, p. 22). O conhecimento dos problemas específicos, bem como a relação até afetiva dos sentidos humanos com os dados do espaço físico ao redor não deixam dúvida sobre a vinculação dessas pessoas ao ambiente da fazenda.

Se, por um lado, temos a construção minuciosa dessa rotina “espacial” delineando o tipo de relação dos trabalhadores com o lugar onde vivem, de outro, temos o dado moderno na pessoa do dr. Aureliano, filho do coronel Inácio e representante de uma nova ordem (o que não significa uma modificação na hierarquia social: ao contrário, ela se vê aguçada). Esta nova ordem também tem relação com o espaço: uma relação de uso de um recurso e nenhuma vinculação ou pertencimento: “... Dr. Aureliano, mais preocupado com o Rio que com a fazenda, deixara tudo como encontrara quando da morte do velho” (AMADO, 1965, p. 23); “Demorou-se pouco na fazenda, sua vida era no Rio, para ele aquelas terras herdadas significavam pouco diante dos interesses maiores de dinheiro que o prendiam na capital do país” (AMADO, 1965, p. 49). Chamaria atenção para o vocábulo “velho” que designa o coronel



Ignácio, seu pai. Aqui há a possibilidade de ambiguidade do termo porque “velho” é uma maneira informal de tratar o pai, mas também pode fazer referência a uma velha ordem, passada, que deve dar lugar ao novo e a novos paradigmas sociais. Também destacaria o fragmento “demorou-se pouco”, pois, se tratamos de modernidade, nada mais típico do que falar de velocidade (também nas relações humanas) e da não-permanência.

A personagem Zefa é particularmente interessante. Dada a manifestações que os moradores acreditam espirituais e cujo sentido político é inegável, a personagem manifesta suas visões também pautada numa experiência da paisagem: é a mudança de aspectos no campo e o cumprimento de um *script* realizado por Jerônimo que mostram o transcurso do tempo e marcam a rotina da “santa”: “As sombras escorregam sobre as árvores, o pasto, a casa, a caatinga longínqua [...] O mugido da vaca anunciou a sua entrada no curral. Despedia-se do campo, da liberdade ao sol. Para Zefa era um sinal” (AMADO, 1965, p. 46).

É também falando de Zefa que o narrador afirma: “Sabia vagamente da cidade, distante e pecadora, *irremediavelmente* condenada, para qual nenhuma salvação era possível” (AMADO, 1965, p. 45). Se para Zefa, profeta que falava no fim do mundo, a cidade e a modernidade eram sinônimos de perdição e ruína de valores, para outros personagens, como veremos mais adiante, ela será a esperança de um futuro próspero.

A parte inicial do romance está repleta de referências a uma rotina conhecida, que organiza a existência das pessoas que a vivem: as pessoas se conhecem e têm suas casas, suas famílias, suas raízes, ainda que haja uma contradição essencial nesse sentido: elas nada têm porque nada lhes pertence.

Parece haver um sentido claro na construção dessa atmosfera de familiaridade e vínculos espaciais e afetivos: ela faz dimensionar o sentimento de perda e solidão que a modernização vai impor a essas pessoas, lançando-as num espaço desconhecido, indefinido e cada vez mais impessoal. Para tanto, o romance terá que se equilibrar entre os dados de um passado no qual a fazenda representava, simultaneamente, tanto um espaço de pertencimento e proteção como um ambiente de exploração, miséria e injustiça social.

Com a venda da fazenda e a dispersão de seus moradores, perde-se essa gama de referência ao espaço como experiência da familiaridade, da convivência e do cotidiano. A partir de agora, com “Os caminhos da fome”, inicia-se a questão do êxodo e do trânsito.

Logo o começo do capítulo mostra a descrição da caatinga, prova a que os moradores expulsos teriam de enfrentar. A caracterização do lugar é rica e detalhada: a natureza não é mais sinônimo de fartura e colheita, e a fauna é ameaçadora e hostil.



Agreste e inóspita estende-se a caatinga. Os arbustos ralos elevam-se por léguas e léguas no sertão seco e bravo, como um deserto de espinhos. Cobras e lagartos arrastam-se por entre as pedras sob o sol escaldante do meio-dia. [...] Um emaranhado de espinhos, impossível de transpor. Por léguas e léguas, através de todo o Nordeste, o deserto da caatinga (AMADO, 1965, p. 59).

Destacaria o fragmento “emaranhado de espinhos impossível de transpor”. A ideia aqui é a de um obstáculo, uma etapa de sacrifício que seria condição irrevogável para alcançar o eldorado prometido, São Paulo. Impossível não perceber a semelhança com as palavras de Baudelaire, citadas na epígrafe. Igualmente impossível não reconhecer nas duas citações a repetição de uma imagem judaico-cristã, a do deserto como ambiente de provação, de vitória sobre si, etc. Outro grande índice de que se trata de uma ideia de provação é o fato de que, no decorrer deste percurso, pessoas vão ficando para trás, sobretudo por morrerem de malefícios que o próprio ambiente provoca:

Lá vão eles, são centenas, são milhares, na viagem de espantos. Durante meses atravessam a caatinga. Os cadáveres vão ficando pelos caminhos improvisados e nem mesmo eles modificam a paisagem desolada onde, ao sol causticante, dormem indiferentes lagartos (AMADO, 1965, p. 61).

Toda a parte do romance que descreve as dificuldades e desgraças na viagem através da caatinga esgota imagens de tristeza, miséria, fome. Contudo, gostaria de ressaltar um fragmento em particular. A cena da morte de Dinah e de seu enterro isento de ritual de despedida ou qualquer protocolo reservado para este momento de adeus:

Enterraram-na quase à flor da terra, não tinham forças para cavar fundo. Os urubus voavam agora em grandes grupos sobre eles, eram sua única companhia na viagem. Jucundina os olhava como um agouro. [...] Os urubus ficaram para trás. Não custou muito trabalho remover a pouca terra que cobria o corpo de Dinah. [...] Também João Pedro sabia que eles estavam devorando o cadáver de sua mulher. Mas não tinha coragem de voltar, de perder mais tempo como não tinha mais forças para sofrer nem lágrimas para chorar (AMADO, 1965, p. 107).

Como não se perguntar sobre a pertinência de certas acusações de que textos que retratam problemas sociais e regionais não alcançam uma dimensão mais elevada de discussão sobre problemas existenciais e universais? Pergunto porque o que vemos aqui é uma questão absolutamente essencial: o quanto condições de pobreza e miséria provocadas por um sistema econômico catastrófico e predador não deceparam-nos a humanidade, animalizando situações



como a da morte? Ou seja, há aqui uma interrogação latente sobre o que é ser “humano” quando nos destituem de toda e qualquer condição de existir para além da existência física ameaçada pela fome, pela sede e pelo esgotamento.

Seguindo com o romance vemos que o que predomina, neste momento, é a dispersão da família, a necessidade de lidar com um espaço desconhecido, hostil, sem vínculos ou história. Além disso, os laços de amizade e conhecimento da antiga vida na fazenda são substituídos por contatos esporádicos com outros grupos de miseráveis que cruzam a caatinga em busca do mesmo sonho, ou fazendo o caminho de volta com o sonho desfeito.

A família de Jucundina e Jerônimo é levada, portanto, por diferentes vias, à dispersão por vários caminhos. Parte da família segue da caatinga para Pirapora, outros ficaram pela estrada, e há ainda os três irmãos que antes da expulsão já haviam empreendido sua partida por diferentes sendas.

Jucundina, Juvêncio e seu neto conseguem chegar a São Paulo. Mas é importante destacar algumas situações especialmente emblemáticas para falar do *moderno* como um conceito relativo e instável.

Quando estão à espera do navio que os levará para Pirapora, a família terá que enfrentar condições tão adversas quanto aquelas enfrentadas no deserto agressivo da caatinga, mas agora por conta da indiferença do Estado e por sua condição de imigrantes:

Alcançou o acampamento, andou para o canto onde os seus haviam arriado as trouxas no dia da chegada. Passava entre homens e mulheres, junto a fogões improvisados com pedras, tropeçava em crianças que corriam. Quantas pessoas estariam ali? Talvez trezentas, talvez mais [...] (AMADO, 1965, p. 117).

Na véspera da saída do navio chegou uma grande leva de imigrantes. Superlotou o acampamento, foi necessária intervenção das autoridades pois iam saindo brigas. [...] O delegado esteve no acampamento, reclamou contra a sujeira, vinha acompanhado de dois soldados de polícia. – Vocês só com muita bainya de facão...– declarou para os homens que o cercavam pedindo providências (AMADO, 1965, p. 132).

Antes do embarque, é sintomática a projeção que fazem os acampados jogados nos arredores da plataforma do que seria São Paulo e como acreditam ainda que haverá trabalho e prosperidade para braços dispostos a suar. O que vemos aqui é a esperança na meritocracia, na promessa de que se fazendo com que, o sucesso é certo e, em caso de fracasso, foi por falta de vontade de trabalho e pouco esforço:



No acampamento – que era onde conversavam largamente – não havia melhor motivo para as prosas do que fazer projetos sobre São Paulo. Quando apareciam, rotos, e ainda mais pobres que eles, os que voltavam da terra que idealizavam de toda fartura, e contavam das dificuldades que havia por lá, eles se encolhiam, com pouca vontade de ouvir, e quase sempre davam razão ao comentário fatal de um mais otimista: – Isso é homem que não guenta o trabalho... Quer é vagabundar, ganhar dinheiro fácil...” (AMADO, 1965, p. 123).

A presença dos desvalidos que retornam após nada conseguirem na terra sonhada e prometida já é, em si, a presença de uma interrogação, de uma dúvida lançada sobre as certezas de prosperidade que a industrialização e os processos de modernização propagavam.

No navio, temos novamente o choque de realidades: o navio que venceria distâncias, que aproximaria os imigrantes da realização de seus anseios, revelou-se como outro espaço de desgraças, fome e morte. Além da falta de espaço e acomodações, havia o tratamento desumano e a doença. Novamente o contingente de imigrantes deixa seus mortos pelo caminho.

Cada vez mais próximos da modernização, dos novos tempos e novos ares, a família de Jucundina vivia velhas desgraças e conhecidos males: “Ernesto não foi o primeiro menino a morrer. Outros morreram antes e até adultos ficaram nas águas do rio com a disenteria” (AMADO, 1965, p. 142).

O choque de realidades não se resumia a esses dados. Havia a primeira classe, acomodada em outro espaço, livre do risco de doença, fome ou qualquer mal relacionado à pobreza. Ainda que embarcados no mesmo navio, os espaços eram divididos segundo a classe social e, também segundo a classe social, as mazelas seriam inevitáveis ou desconhecidas.

Vencida a travessia a navio, é a vez de outro índice de movimento e trânsito, bem como de modernidade: o trem. Na plataforma, uma despedida contida: Jucundina dá adeus à filha renegada pelo pai por ter cedido aos caprichos do médico que os liberaria para a viagem. Cabe a pergunta: Marta não parte no trem, pois como símbolo de uma velha ordem e de velhas relações de honra, deve ficar para trás?

O trem resfolegava. A máquina começou a andar, vagarosa ainda. Aumentou a velocidade, Gregório saltara. Jucundina levantou-se então, afastou a mão de Jerônimo que a segurava, jogou-se para a janela. Jerônimo levantou-se também para obriga-la a sentar-se. Mas em vez de fazê-lo debruçou-se sobre ela a tempo de ver ainda, no canto da estação, de vestido vermelho, a figura de Marta acenando com a mão. O trem apitava na curva (AMADO, 1965, p. 190).



A descrição da cena vista por Jerônimo faz lembrar um quadro: a moldura é o recorte da janela, há uma paisagem, um enquadramento e uma cor que se destaca (o vestido vermelho). Em contraste com a imobilidade do quadro que retrata uma cena que ficará no passado, temos o apito e a velocidade do trem, que se desgarra da estação como um sonho de futuro.

O trem, ícone da modernidade, leva para São Paulo apenas parte das pessoas da família, que foi mutilada pelo caminho. É possível ler uma metáfora também aqui. A experiência do moderno, desde a venda da fazenda até a chegada da família de lavradores a São Paulo foi a experiência da dizimação dos laços familiares e da ruína do espaço afetivo.

O romance de Jorge Amado, no entanto, apresenta contradições e uma relação dialética com a modernidade. Se acompanhamos até aqui a saga da família atravessada por tragédias por conta da instauração de uma nova ordem, com a história de Juvêncio, um dos filhos fugidos de Jucundina e Jerônimo, uma nova perspectiva se abre. É através da cidade moderna que Juvêncio terá acesso ao conhecimento político e aos livros:

Quando saíra da roça em busca da cidade, antes de entrar para a polícia militar e seguir para São Paulo, mal sabia soletrar e desenhar o nome. Aplicou-se nos estudos com uma vontade de ferro. Não lhe custou muito aprender a ler corretamente, a escrever com desembaraço. [...] Em São Paulo, o camarada Tavares, Zé Tavares, um sujeito de sua terra que imigrara e era guarda-civil na capital paulista, dera-lhe a ler o livro de Maria Lacerda Moura e um romance sobre a vida de trabalhadores do campo. E depois o convidou a ingressar no Partido [...] (AMADO, 1965, p. 272).

A possibilidade de estabelecer contato com diferentes pessoas vindas de outras regiões também foi uma oportunidade que a cidade moderna garantiu ao filho comunista de Jucundina e Jerônimo. Foi, portanto, a partida de Juvêncio para a cidade o que possibilitou sua aprendizagem política, sua tomada de consciência sobre si e sobre a situação de sua família. Sua decisão por um caminho político de combate da ordem econômico-política vigente seria possível na velha fazenda do Coronel Ignácio?

Mais adiante, depois de participar da tomada de poder do quartel onde era lotado, Juvêncio vai preso para a Ilha Grande, no Rio de Janeiro. A prisão, contudo, apesar de ser uma experiência de limitação espacial, não o impede de seguir tendo contato com livros, conhecimento e pessoas envolvidas na mesma causa:

Juvêncio viera, com outros condenados políticos, de Fernando de Noronha. Na Ilha Grande estudava. Para ele a prisão foi a universidade. Os nove anos que levou de cadeia em cadeia [...] foram de aprendizado. Os companheiros



mais esclarecidos ajudavam-no. Leu, finalmente, aqueles livros que cobiçava nos dias anteriores à revolução de 35 (AMADO, 1965, p. 325).

É neste ambiente também que reencontra parte da família: sua mãe e seu sobrinho. Tonho fica encantado pelo tio e seus colegas. Em meio a um ambiente de detenção, sente ali, no entanto, a abertura de um novo horizonte: “Tonho conversava com um e com outro, falavam-lhe coisas estranhas e sedutoras. Foram dias cheios, para Tonho era a revelação de um mundo” (AMADO, 1965, p. 328).

Importante destacar que novamente temos aqui a recorrência de um campo semântico de trânsito, como “hotel”, “estação”, “trem”, “regresso”, em relação com o espaço vivido por Tonho e Jucundina. No entanto, diferentemente do começo da história, os deslocamentos deste momento dizem respeito a um reencontro e a um reestabelecimento de vínculos afetivos. Esse insistente deslocamento parece agora associar-se à possibilidade de um desfecho feliz.

Chegando, enfim, ao final da história, uma nova compreensão do espaço na sua relação sempre tensionada entre campo e cidade aparece no romance. “Tonho” é o título do último capítulo cujo epílogo é “Colheita”. Após a visita ao tio, quando então já tem 19 anos, Tonho se alista no Partido Comunista. Juvêncio é solto e deve voltar ao sertão, ao lugar de sua infância e memória. Os dois têm uma missão que começou com a saída da fazenda, tornou-se consciência e luta política na cidade e deve prosseguir com o retorno ao campo. Tonho é a semente, é a garantia de que a luta por justiça social terá prosseguimento e será disseminada; Juvêncio, ao retornar, fecha o ciclo e vai semear o campo com as ideias políticas, campo a que aludi no início do estudo, ao falar sobre o título do romance. Novamente emblemática é a partida do trem, com seu apito, sua modernidade, levando Juvêncio da cidade de volta às origens de sua história: “Abraçaram-se, o apito do trem cobria as vozes [...]” (AMADO, 1965, p. 331).

Ao lermos a história de Jorge Amado, percebemos que a modernização, que se quis como realização da grandeza humana e da técnica, revelava-se mecanicista, impessoal. O romance deixa claro que a modernização e as novas relações de trabalho, bem como as novas relações com o espaço, produzem sofrimento, perda de referências, mutilações nos vínculos afetivos e impessoalidade. Tudo isso é construído pela história em deslocamento da família de Jucundina e Jerônimo, como vimos na análise empreendida. A família perde vínculos afetivos através da construção de um espaço impessoal, sem memória e sempre em trânsito.

Para alcançar maior impacto crítico sobre os matizes negativos da modernidade, o narrador lança mão, inclusive, de fazer paralelos com a ordem anterior, correspondente ao período de comando do velho coronel Ignácio, marcada por relações de paternalismo, maior



proximidade espacial com os trabalhadores, cumprimento de palavra empenhada a subalternos e, sobretudo, sentimento de pertencimento à terra da fazenda⁴.

Há, porém, outra questão relacionada à modernidade e a todas as dores que causou à família protagonista da história: ao chegar ao fim do romance e compreender a história e a missão de Juvêncio, percebe-se que a expulsão da família e sua posterior “queda” num círculo de deslocamentos, bem como a imagem da caatinga como provação, constituem um ciclo de etapas necessárias para se chegar à consciência do problema social e começar o trabalho pelo fim da alienação no campo a que chegou o filho de Jucundina. Por isso a imagem de Juvêncio voltando de trem ao sertão é tão emblemática. Há um fragmento especialmente relevante no último capítulo do livro: “Em Engels aprendeu que a ‘liberdade é o conhecimento da necessidade’ e pensou que o sertão estava aprendendo, com sangue e dor” (AMADO, 1965, p. 325).

Não é irrelevante que o caso dos dois outros irmãos da família, José e Jão, bem como a história da Tia Zefa, terminem em morte e derrota. Também eles se deslocaram. José, como cangaceiro, desbravava a caatinga, invadia fazendas, etc. Jão, como militar, também percorria distâncias perseguindo Lucas Arvoredo e seus companheiros de cangaço. Tia Zefa peregrinava com o beato Estevão. Todos acabam mortos. Seus deslocamentos no espaço são pura errância, em nada podem transformar a paisagem porque representam a permanência da ordem social e um ciclo de caminhos sempre percorridos pela miséria sertaneja.

O romance de Jorge Amado explicita seu comprometimento político de claro viés comunista. A narrativa privilegia a ação como forma de apontar caminhos para problemas reais e extratextuais:

A revolução soviética estabelece um divisor de águas a partir do qual constrói um dos maiores fenômenos intelectuais do século, consubstanciado no engajamento entusiasta dos *compagnons de route* – escritores e artistas empenhados na utopia da sociedade livre e igualitária. A arte desses amigos da revolução se partidariza e ganha um sentido transitivo: quer “falar às massas” e “formar consciências”; dramatizar a vida dos que estão submetidos ao capitalismo e “mostrar o caminho” que leva à sua superação (DUARTE, 1996, p. 18).

E o caminho apontado pelo romance de Jorge Amado é o de uma trajetória rumo ao conhecimento e à consciência: o êxodo para a cidade e, conseqüentemente, para o moderno–

⁴ Ainda que, por vezes, apareça no romance a menção a políticas e regras exploratórias, como o fato de que os trabalhadores só podiam comprar e vender no armazém da fazenda.



tradicional caminho do sertanejo– torna-se a via-crúcis indispensável para atingir a clareza. Posteriormente, a volta ao espaço do campo para construir uma nova ordem social fecha o ciclo dos deslocamentos que não se limitam à simples errância.

“–Tu aprendeu isso tudo na capital? Tu não perdeu tempo e o que tu diz é cuma luz que alumia, abre um clarão nos olhos da gente que tava no escuro” (AMADO, 1965, p. 333).

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

BAUDELAIRE, Charles. Pequenos poemas em prosa. **O spleen de Paris**. São Paulo: Hedra, 2007.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole. **A fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Editora Contexto, 2001

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: Romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

NEDER, Gizlene. **Illuminismo jurídico penal luso-brasileiro**. Rio de Janeiro: Freitas-Bastos, 2000.